

# Restrições da Alemanha a nossos empréstimos

O governo da Alemanha Ocidental não tem intenção de estender o seu aval Hermes às transações financeiras dos bancos de Frankfurt, o que poderia animá-los a facilitar as condições para concessão de novos créditos ao Brasil. A afirmação foi feita em Bonn pelo ministro alemão das Finanças, Gerhard Stoltenberg.

O aval Hermes é dado para créditos de exportação e nesse caso deverá ser mantido, apesar do crescimento do risco, em virtude do endividamento dos países do Terceiro Mundo. Em tais casos, os bancos alemães concedem empréstimos para a compra de produtos alemães, recebendo do governo de Bonn a garantia de pagamento do financiamento, caso os países devedores não possam pagá-lo.

Gerhard Stoltenberg concedeu ontem uma entrevista onde abordou vários aspectos da política econômica internacional, desde as relações de seu país com o Fundo Monetário Internacional (FMI) até o caso específico da dívida externa brasileira. O ministro alemão disse que a extensão da garantia Hermes aos créditos financeiros representaria um comprometimento das reservas monetárias do Bundesbank (o Banco Central da Alemanha), que, de acordo com Stoltenberg, já destinou recursos suficientes em tal setor, através do aumento das cotas do FMI. Segundo o ministro, os países que dão suporte ao Fundo já foram sobrecarregados "até o limite máximo aceitável".

No caso específico do Brasil, o ministro alemão disse estar ciente da discussão existente no País a respeito da aceitação ou não das condições do FMI. Na sua opinião, porém, existem muitos políticos que ainda não puderam entender a seriedade da situação atual. Não havendo uma renegociação da dívida, ou caso os bancos internacionais desistam de receber o pagamento de créditos anteriores por motivos de falta de recursos do Brasil, o mercado financeiro internacional não estaria mais disposto à concessão de novos empréstimos, o que poderia ter conseqüências catastróficas para o País. Gerhard Stoltenberg afirmou que os atrasos do Brasil no pagamento de seus compromissos, recentemente, não tiveram "nenhum efeito estimulante" na disposição dos bancos internacionais em renegociar a dívida brasileira.

O ministro das Finanças da Alemanha Ocidental prevê também para os próximos meses uma evolução positiva no mercado internacional: depois de atingir seu nível mais baixo, em virtude da crise econômica mundial, os preços de matérias-primas tomaram agora um curso ascendente que deverá ser mantido, na sua opinião. Com isso, espera-se um aumento de 13 a 14% nos preços do mercado internacional, o que contribuirá sensivelmente, nos próximos seis meses, para a diminuição do déficit da balança de pagamentos de inúmeros países do Terceiro Mundo.

## Discussão "improdutiva"

Gerhard Stoltenberg afirmou que não considera produtiva uma discussão puramente política a respeito do endividamento dos países do Terceiro Mundo. Segundo ele, tal discussão poderia levar, em alguns casos, ao fechamento do mercado financeiro internacional, com resultados catastróficos para os países atingidos.

Stoltenberg disse que a manutenção do fluxo de capital para o financiamento da economia é de importância vital para todos os países, em especial para o Terceiro Mundo. Assim sendo, ele considera o esforço para a manutenção de tal fluxo de créditos de "importância muito maior" do que as dificuldades eventuais que são causadas pela aplicação de um programa de recuperação econômica, dentro dos moldes ditados pelo FMI.

O ministro alemão reconheceu que existem limites no sacrifício social que os países do Terceiro Mundo podem admitir para atender às exigências do Fundo Monetário Internacional, mas, a seu ver, o FMI "não é nenhuma agência de ajuda ao desenvolvimento". Desta forma, o programa de recuperação econômica elaborado por aquela instituição internacional visaria corrigir distorções e contornar a crise dentro do menor prazo aceitável, implicando naturalmente sacrifícios gerais.

Assis Mendonça, de Bonn.